



Um rebento de aversão: anticlericalismo e literatura militante no Paraná (1900-1910)

Antonio Cleber Rudy*

RUDY, A. **Um rebento de aversão:** anticlericalismo e literatura militante no Paraná (1900-1910). *História Social*, n. 26, 2023, pp. 330-356. <https://doi.org/10.53000/hs.n26.1759>

Resumo: Por intermédio da trajetória do jornalista, maçom e livre-pensador Roberto Faria (1885-1908), autor do romance *Abutres* (1907), publicado no fervor das manifestações anticlericais em Curitiba, visa-se trazer à tona certas articulações do anticlericalismo paranaense, desvendando sua lógica social e seus signos políticos, assim como apontando seus nexos com a experiência social de afronta à Igreja no decurso da Primeira República (1889-1930).

Palavras-chave: Anticlericalismo. Primeira República. Literatura.

* Mestre em História do Tempo Presente pela UDESC; Doutor em História Social pela UNICAMP.



A sprout of aversion:
anticlericalism and militant literature in Paraná (1900-1910)

Antonio Cleber Rudy

Abstract: Through the trajectory of journalist, freemason and freethinker Roberto Faria (1885-1908), author of the novel *Abutres* (1907), published in the fervency of anticlerical demonstrations in Curitiba, the objective is to bring to light certain articulations of anticlericalism in Paraná, unveiling its social logic and its political signs, as well as pointing out its links with the social experience of affront to the Church during the First Republic (1889-1930).

Keywords: Anticlericalism. First Republic. Literature.

A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram.

Nicolau Sevcenko²

O clericalismo? Eis o inimigo!

Léon Gambetta³

A implantação da República no Brasil, no final do século XIX, que investiu na separação entre Estado e Igreja, colocando fim ao sistema de padroado, resultaria numa situação, em certa medida, desvantajosa para a Igreja Católica, haja vista algumas mudanças em sua moldura organizacional⁴. Ademais, essa conjuntura tinha como agravante um passado recente de hostilidades do clero com a maçonaria⁵ – da qual boa parte dos republicanos faziam parte⁶.

Apesar da desvinculação da classe clerical para com as questões políticas, legitimada pela Constituição de 1891⁷, imprimiam-se no cenário público, relutâncias por setores da Igreja que continuavam a intervir na vida

² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 30.

³ Cf. LALOUETTE, Jacqueline. **La République Anticléricale, XIX – XX siècles**. Paris: Éditions Du Seuil, 2002, p. 9, (tradução nossa).

⁴ O sociólogo Sérgio Miceli destaca que, apesar dos desafios institucionais com que a Igreja passou a se defrontar após a separação do Estado, ela ainda ocupava espaços consideráveis nas áreas de saúde, educação, lazer e cultura. Cf. MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁵ Desde o seu surgimento, em 1717, a maçonaria especulativa foi se configurando em espaço de formação cultural e científica que almejava o aperfeiçoamento intelectual e moral da sociedade. Logo, as suas lojas ao darem guarida ao livre-pensamento se tornaram importantes propagadoras de movimentos políticos, liberais e anticlericais.

⁶ SOUZA, Ricardo Luiz de. **Laicidade e anticlericalismo**: argumentos e percursos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, p. 186. Segundo observa Ricardo Luiz de Souza, já durante o Império, o anticlericalismo fez-se forte e atuante no seio do republicanismo.

⁷ “O Governo provisório publicou o decreto da separação da Igreja e do Estado, abolindo no art. 4º – o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerrogativas (...)”. MARIA, Júlio. **A Igreja e a República**. Brasília: UNB, 1981, p. 103.

social e política do país, em parte “porque a Igreja Católica Romana optara por uma rejeição total da ideologia da razão e do progresso”⁸. Frente a isso, “o processo de descristianização e laicização da sociedade ocorreu, com graus distintos de radicalidade, em todos os países de população católica”⁹.

Com presteza, no Brasil “o anticlericalismo republicano primou pela observância da recente separação entre Igreja e Estado, investigando eventuais subsídios estatais a membros da Igreja e defendendo a laicização do ensino”¹⁰. Desta maneira, diversas expressões anticlericais¹¹ adquirem robustez, em parte “disseminado no pensamento das elites políticas brasileiras”¹², contrariando as “chamadas doutrinas ultramontanas de subordinação do poder temporal à autoridade eclesiástica”¹³. Por sua vez, em 1900, ao condenar o Estado laico, o episcopado brasileiro reafirmava sua mentalidade clericalista, como sugere as seguintes afirmações: “não queremos ser nação sem religião e sem Deus; não queremos ser governados por um governo ateu”¹⁴.

Nesta conjuntura, é interessante destacar a postura intransigente adotada, tempos antes, pelo Papa Pio IX – ferrenho adversário da maçonaria. Em 1864, ao emitir a encíclica papal *Quanta Cura*, cujo anexo trazia o catálogo *Syllabus*, Pio IX lançava condenações ao Estado laico e os demais erros do mundo moderno, a exemplo do racionalismo, liberalismo, socialismo, maçonaria etc.

Diante disso, então, cabe perguntar: o que estava por trás do ultramontanismo?

⁸ HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios – 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 368.

⁹ OLIVEIRA, José Eduardo Montechi Valladares de. **O anticlericalismo na República Velha: a ação dos anarquistas**. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996, p. 4.

¹⁰ SOUZA, Ricardo Luiz de. *Op. cit.*, p. 185.

¹¹ As expressões anticlerical e anticlericalismo surgem no cenário internacional entre os anos de 1850 e 1870 em contraposição aos termos clerical e clericalismo, isso se dava devido ao agravamento da oposição ao catolicismo ultramontano.

¹² GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 2 ed., Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 85.

¹³ BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. **Idéias em confronto**. Curitiba: GRAFIPAR, 1981, p. 12.

¹⁴ AZZI, Riolando. **O Estado leigo e o projeto ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994, p. 20.

O ultramontanismo foi uma doutrina políticocultural europeia que defendeu os plenos poderes do Papa¹⁵. Por sua vez, esse movimento restaurador católico que estava alicerçado em uma orientação religiosa de tendência conservadora, lançou-se energicamente contra o racionalismo e o liberalismo. No Brasil, ao ganhar impulso a partir do século XIX, a doutrina do movimento ultramontano foi suplantando o antigo catolicismo iluminista, regalista e liberal, por um catolicismo romano, tridentino e clerical¹⁶.

Não surpreendentemente, essa postura antimoderna por parte da Igreja, intensificou nos meios liberais reações ao clericalismo. Deste modo, uma gama de periódicos surgidos em diversas regiões brasileiras, estavam comprometidos com campanhas de cunho anticlerical. Assim, aliada à criação de uma imprensa combativa, fez-se presente nos círculos anticlericais do Brasil, a difusão de certa literatura militante (panfletos, folhetos, livros), uma vez que a imprensa e a literatura estavam no centro dos sistemas de comunicação da sociedade¹⁷. E em meio ao anticlericalismo literário de autores consagrados internacionalmente como Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro* (1875), Émile Zola, *O Crime do Padre Mouret* (1875), ou Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno* (1885), escritores locais também davam forma ao toque da sua própria pena a versos e prosas.

Desta forma, no Paraná, mais especificamente em sua capital, Curitiba, “a escrita anticlerical foi muito intensa a partir de 1901, quando da fundação da Liga Anticlerical Paranaense, que editava trabalhos de peso de autores vindos da comissão redatora” do periódico *Electra*, logo, “a batalha que esses jovens escritores republicanos (...) assumem, adotando

¹⁵ Segundo apontam estudiosos, a origem do termo remonta a França do século XIV, durante o reinado de Felipe, o Belo, que foi marcado por intensos conflitos, uma vez que o galicanismo procurou manter a autonomia das suas igrejas frente às diretivas do poder papal. Por fim, a expressão ultramontanismo é uma referência direta ao Papa, que está para lá das montanhas (os Alpes).

¹⁶ RUDY, Cleber. **O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)**. São Paulo: Alameda, 2020, pp. 22-23.

¹⁷ Cf. FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil (1880-1920)**. Petrópolis: Vozes, 1978.

uma postura anticlerical, foi tomando contornos bem definidos através da palavra escrita”¹⁸. Diante disso, não faltaram vozes que afirmassem: “decididamente, o Estado do Paraná está à vanguarda na propaganda livre-pensadora¹⁹ e na agitação anticlerical sobre todos os Estados do Brasil”²⁰.

Somos livres-pensadores, somos anticlericais

No começo de abril de 1901, na cidade de Curitiba, a imprensa noticiava: “Liga Anticlerical. Sob esse título, e patrocinada por distintos moços de talento, brevemente será fundada nesta capital uma sociedade que terá por fim combater leal e francamente o clericalismo fanático”²¹. Nestas circunstâncias, mais tarde, no mesmo ano, viu-se ganhar as ruas do centro de Curitiba o jornal *Electra*²² – órgão porta-voz da aludida liga e que tinha como responsáveis: Generoso Borges, Ismael Martins, Leite Júnior e Euclides Bandeira²³. Tratava-se de uma publicação de distribuição gratuita, tendo a sua redação localizada na Rua Visconde de Guarapuava,

¹⁸ Ambas as passagens, MARCHETTE, Tatiana Dantas. **Corvos nos galhos das acácias:** anticlericalismo e clericalização em Curitiba (1896-1912). Dissertação de Mestrado em História. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1996, pp. 56-57.

¹⁹ O livre-pensamento ganha forma no cenário europeu durante o século XVII, amparado em um método de estudo e compreensão do mundo que estava sob as lentes da ciência e da razão. Ademais, pouco a pouco, torna-se uma importante força em luta contra as dominações religiosas. Cf. BAYET, Albert. **História do livre-pensamento**. Lisboa: Arcádia, 1971.

²⁰ **O Livre Pensador**, São Paulo, 30 de junho de 1907. Vale destacar que, na primeira década do século XX, tem-se no Paraná um conjunto diverso de entidades de combate, a exemplo: *Liga Anticlerical Paranaense* (Curitiba), *Liga Anticlerical Guarapuavana* (Guarapuava), *Liga Anticlerical Rio-Negrese* (Rio Negro), *União Anticlerical* (Prudentópolis), *Liga Anticlerical “Filhos da Fé”* (Guarapuava), *Centro da Mocidade Livre Pensadora* (Curitiba), *Centro Livre Pensador* (Ponta Grossa), *Centro Anticlerical* (Ponta Grossa), *Associação Feminil Livre Pensadora* (Curitiba), assim como com uma gama de periódicos de combate, a exemplo de *Electra* (Curitiba), *O Azorrague* (Curitiba), *A Reação* (Antonina), *A Vanguarda* (Curitiba), *O Combate* (Curitiba), *O Escarpello* (Ponta Grossa), *O Anticlerical* (Ponta Grossa), *A Bombarda* (Curitiba).

²¹ **Jerusalém**, Curitiba, 25 de abril de 1901.

²² Circulou de 1901 a 1903, totalizando 18 números publicados.

²³ A partir de fevereiro de 1902, Evaristo Pernetta assumiu o lugar de Ismael Martins na comissão redatora.

nº 30, lugar esse que, provavelmente, servia como sede da Liga Anticlerical Paranaense²⁴.

Fundada em maio de 1901, a Liga Anticlerical Paranaense que tinha como desígnio combater o clericalismo, além de investir na publicação do periódico *Electra*, traria à tona uma gama de folhetos, enquanto ferramentas de propaganda. A propósito, como o próprio título do periódico revelava, ele vinha embalado pelo frenesi político gerado pelo drama *Electra*, do escritor Pérez Galdós²⁵, que se atribui como causa principal da agitação popular contra os frades na Espanha²⁶, e em outros países, a exemplo de Portugal, Brasil e Argentina²⁷. Ademais, diante da estreia do drama *Electra* ocorrida em 11 de junho daquele ano no Teatro Guaíra, em Curitiba, a Liga Anticlerical Paranaense em comemoração à entusiasmada representação, presenteou com uma medalha de ouro a atriz Manolita Fernandez²⁸.

Seja como for, a criação tanto da liga quanto da folha anticlerical foi iniciativa de jovens escritores inclinados ao simbolismo e vinculados à maçonaria do Paraná. Assim, Generoso Borges de Macedo, jornalista, poeta, cronista e advogado, estava ligado à Loja Acácia Paranaense (Curitiba); Ismael Alves Pereira Martins, professor, jornalista e poeta, era membro das Lojas Fraternidade Paranaense (Curitiba) e Luz Invisível (Curitiba); João Ferreira Leite Júnior, jornalista e poeta, era integrante

²⁴ Acerca dessa liga, têm-se indícios de sua atividade até o ano de 1905.

²⁵ A peça *Electra*, da autoria do escritor liberal espanhol Benito Pérez Galdós, estreou na Espanha, em 30 de fevereiro de 1901, no Teatro Español de Madrid. Diante de imediato êxito, manteve-se em cartaz por quase três meses. De forma frequente, os espetáculos de *Electra* passaram a instigar forte agitação anticlerical, marcada por gritos de “Morram os jesuítas!”.

²⁶ **Gazeta de Petrópolis**, 28 de fevereiro de 1901, p. 1. Em Barcelona, as autoridades eclesiásticas proibiram os católicos de assistirem a representação de *Electra*, assim como uma comissão de senhoras religiosas organizaram uma subscrição assinada por famílias tradicionalistas, visando apelar para a intervenção do Papa e da Rainha Regente. Também, na região espanhola de Bilbao, é promovida uma manifestação reacionária contra Benito Pérez de Galdós, o autor de *Electra*.

²⁷ Na Argentina, *Electra* estreou em Buenos Aires, em março de 1901, após a apresentação do drama, alguns populares apedrejaram o Colégio de Salvador e, posteriormente, o edifício da redação do *Diário Clerical*; enquanto que, em Córdoba, dois sacerdotes foram agredidos na rua.

²⁸ **A República**, Curitiba, 21 de junho de 1901.

da Loja Luz Invisível (Curitiba); e Euclides da Motta Bandeira e Silva, jornalista e literato, estava ligado à Loja Fraternidade Paranaense (Curitiba).

O combativo periódico, em seu programa de ação, expunha: “*Electra* guerreará princípios, não pessoas e os seus ataques serão francos, a luz meridiana, e em prol de todos os ideais enfeixados no ciclo luminoso do liberalismo”²⁹. Essa inclinação pelo “liberalismo” manifestada pelos redatores do órgão anticlerical paranaense, conduziu aproximações com outros segmentos políticos, a exemplo dos anarquistas. Assim, durante um *meeting* contra a “invasão clerical” organizado pela liga, isto é, uma manifestação em oposição à entrada no Brasil de clérigos que haviam sido expulsos de outros países, realizado no dia 9 de março de 1902, no Passeio Público de Curitiba, tem-se a presença anarquista, entre outros, de Gigi Damiani³⁰. Deste modo, como na França, importantes escritores simbolistas flertaram com os círculos anarquistas, a exemplo de Anatole France e Stéphane Mallarmé. No Brasil, também se presenciou aproximações e simpatias por parte de literatos simbolistas para com o movimento libertário e vice-versa.

Em meio a isso, as atuações da Liga Anticlerical Paranaense e da folha *Electra* serviam de incentivo para a criação de novas associações no Paraná, tais como a Liga Anticlerical de Palmas (1902), a Liga Anticlerical Rio-Negrense (Rio Negro, 1902) e a União Anticlerical (Prudentópolis, 1902). Além dessas experiências, tem-se na cidade de Guarapuava, a fundação, em 1902, da Liga Anticlerical Guarapuavana, pela iniciativa de

²⁹ **Electra**, Curitiba, agosto de 1901.

³⁰ O anarquista italiano Gigi Damiani, após certa estadia em São Paulo, fixou-se, em 1902, na cidade de Curitiba, onde, junto com outros militantes libertários, deu forma aos periódicos *A Voz do Dever* (1903), *O Despertar* (1904), *14 de Julho* (1904) e *O Combate* (1907) – jornal de propaganda anticlerical. Na sequência, ao mudar-se para a cidade de Ponta Grossa (Paraná), colaborou na fundação do Centro Livre Pensador, cujo órgão porta-voz foi o jornal *O Escalpo* (1908), sendo Gigi um dos redatores. Ademais, é da sua autoria a peça anticlerical *O Milagre* que, em mais de uma ocasião, ganhou os palcos de Curitiba. Em 1903, torna-se um dos colaboradores do jornal anticlerical *A Lanterna* (São Paulo), publicando na “Sezione Italiana”, sob o pseudônimo Giani Gimida. Por fim, no início de 1909, Gigi Damiani transfere-se para São Paulo, ingressando na redação do jornal anarquista *La Battaglia*.

39 membros ligados à maçonaria (entre os quais constavam professores, militares, comerciantes etc.). Em um ano e meio de atividade, a referida liga já contava com 132 sócios. Em 1903, em Guarapuava viu-se ainda surgir a Liga Anticlerical “Filhos da Fé” – que era constituída por jovens entre 17 a 19 anos³¹.

É certo que, em Curitiba, a liga foi um importante núcleo de difusão literária, visto que, ao investir na criação da Biblioteca da Liga Anticlerical, trouxe a lume folhetos como *A Mulher e o Romanismo* (ensaio, 1901), de Euclides Bandeira, seguido de *A Igreja de Roma* (ensaio, 1902), de Júlio Pernetá, e *Semana Santa* (ensaio, 1902), de Generoso Borges. Além da publicação de ensaios de crítica religiosa, outras formas de propaganda seriam colocadas a serviço da causa anticlerical. Deste modo, por intermédio da mesma liga, chegava em janeiro de 1904 na capital o padre Guilherme Dias, que devido sua inclinação às ideias liberais, tornou-se um nome valorizado nos meios maçônicos e anticlericais de Portugal e do Brasil – era ex-padre da Igreja Romana, isto é, um autêntico apóstata do catolicismo que ingressou nas fileiras do protestantismo –, e que de passagem pela cidade de Curitiba realizaria uma conferência em defesa da maçonaria e contra o jesuitismo³². Antes de mais nada, ao referir-se ao jesuitismo, em inúmeras ocasiões, Guilherme Dias afirmou: “(...) domina infelizmente, o Brasil, do norte ao sul, e é preciso que os liberais, por todos os meios, não cessem, um só instante, de combater a sua influência, os seus atos e os seus processos”³³.

Nesta mesma época, em Curitiba, “os anticlericais, alguns professores e alunos do Ginásio Paranaense, fixaram um grupo de união”³⁴ que, entre outras coisas, em 1905, resultou no surgimento do Centro da Mocidade

³¹ Informações coletadas no jornal **Electra**, Curitiba, abril de 1902, maio de 1902 e janeiro de 1903, bem como no **Diário da Tarde**, Curitiba, 31 de março de 1902, 15 de abril de 1902 e 1º de maio de 1902.

³² Cf. **Diário da Tarde**, Curitiba, 14 de janeiro de 1904.

³³ **Electra**, Curitiba, agosto de 1903.

³⁴ VICENTE, Natália Simões de. **O satanismo na obra de Júlio Pernetá**. Mestrado em Teoria e História Literária. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004, p. 38.

Livre Pensadora – uma resposta ao recém-criado Círculo da Mocidade Católica. Essa entidade livre-pensadora, que nascia para enfrentar a mocidade católica e para travar “luta contra os esbirros do Vaticano”³⁵, era uma iniciativa de jovens escritores ligados à loja maçônica Luz Invisível, entre os quais: Cícero Cirne Carneiro, Augusto de Faria Rocha, Roberto Faria e Gastão Pereira Marques³⁶.

Neste percurso marcado por literatos, que agitavam a sociedade paranaense com os seus escritos anticlericais, estavam o jornalista e maçom Euclides Bandeira³⁷, que escreveu e publicou uma gama de obras, tais como: *A Mulher e o Romanismo* (1901), *Heréticos* (1901), *Versos Piégas* (1903) e *Troças e Traços* (1909), seguido do professor e maçom Dário Persiano de Almeida Vellozo³⁸, autor de *Derrocada Ultramontana* (1905), *Voltaire* (1906) e *Da Serpente Negra: Moral dos Jesuítas* (1908), ainda como, do médico e maçom Generoso Borges³⁹, autor de *Semana Santa* (1902) e do jornalista e maçom Roberto Faria⁴⁰ que, em 1907, publicou o romance *Abutres*.

Uma vez que o grosso da propaganda anticlerical se fez via um conjunto de textos curtos, especialmente ensaios de crítica religiosa, sendo que a novela *Abutres* é um caso à parte, a qual instiga detalhamentos, visto que tanto o autor (que morreu precocemente) quanto a obra ainda permanecem, em certa medida, ocultos sob o espesso véu da história⁴¹.

³⁵ **A Vanguarda**, Curitiba, 22 de janeiro de 1906, p. 1. Circulou de 1905 a 1906, tendo 14 números publicados.

³⁶ A diretoria do Centro era constituída por Cícero Carneiro (presidente), Augusto Rocha (vice-presidente), Roberto Faria (1º secretário), Gastão Marques (2º secretário), Serafim França (1º orador), Gilberto Beltrão (2º orador), Raul Gelbeke (1º tesoureiro), Vicente Rebello (2º tesoureiro).

³⁷ Entre os anos de 1902 e 1912 esteve na direção do *Diário da Tarde*. Participou da Loja Maçônica Hiram, localizada em Paranaçuá.

³⁸ Atuou como professor de História Universal no Ginásio Paranaense e foi um dos membros fundadores da Loja Maçônica Luz Invisível.

³⁹ Participou das lojas maçônicas Electra e Acácia Paranaense.

⁴⁰ Membro da Loja Luz Invisível.

⁴¹ Cabe assinalar o silenciamento em torno do autor e sua obra em três dos principais estudos acerca do anticlericalismo em Curitiba, que são BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. **Ideias em confronto...**; BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha**. Curitiba: UFPR, 2013, em que não há a menor menção a Roberto Faria e a sua obra; e MARCHETTE, Tatiana Dantas. **Corvos nos galhos das acácias...**, que a certa altura,

Imagem 1: Caricatura ilustrando Dário Vellozo e a sua pena literária anticlerical⁴²



vale-se de um fragmento de *Abutres*, encontrado na revista *O Olho da Rua* (1908), todavia, sem detalhamentos sobre a obra ou o autor.

⁴² Imagem extraída de BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. **Idéias em confronto**. Curitiba: GRAFIPAR, 1981, p. 66.

Nascido em 05 de maio de 1885, na cidade de Rio Negro (Paraná), Roberto Costa Faria, segundo atestam alguns⁴³, teria herdado do pai José Maximiano de Faria, também jornalista⁴⁴, o gosto pelas letras e pelo jornalismo. Em 1904, visando aperfeiçoar os seus estudos, transfere-se para a cidade de Curitiba, indo estudar no Ginásio Paranaense, onde estreitou laços com o professor Dário Vellozo, fervoroso livre-pensador. Não raro, na ótica clerical, Vellozo – como líder de um “pequeno”, mas “ousado” grupo “clerófobo” –, promovia “ataques injustos e caluniosos à Igreja”, motivado “por um ódio cego e satânico ao catolicismo”⁴⁵. Deste modo,

Na primeira década do século XX, Curitiba é palco de ferrenha luta entre os livres-pensadores e a Igreja Católica. Esta, apoiada em várias ordens religiosas que aqui aportavam desde a última década do século XIX e mais o empenho do bispado local, disputa palmo a palmo o controle dos equipamentos culturais, indicando sacerdotes ou fiéis católicos letrados, para os espaços culturais. Ademais, buscam (e conseguem ao final da segunda década) controlar os principais meios jornalísticos da cidade⁴⁶.

A essa altura ganharia forma, no Paraná, um eloquente núcleo literário de manifestações do livre-pensamento, que “(...) voltaram as suas baterias para a questão anticlerical, assumindo o comando da cruzada contra a Igreja Católica”⁴⁷. Próximo a esse núcleo simbolista, encontrava-se Roberto Faria, o qual foi redator-gerente da revista literária *Stellarario* (1905-1906) e colaborador da revista *O Olho da Rua*. Publicista de pena combativa que apreciava polêmicas, passou a colocar em papel impresso suas ácidas críticas ao clero, como bem demonstram os seus textos publicados nas

⁴³ A exemplo do memorialista Raul D’Almeida em sua obra *História de Rio Negro* (1976).

⁴⁴ O mesmo era professor e em 1898 fundou o jornal *O Rionegrense*.

⁴⁵ Até aqui, tudo em DESCHAND, Desiderio. **Voltaire e os anticlericais do Paraná**. Petrópolis: Vozes, 1914, p. 5.

⁴⁶ BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Op. cit.*, p. 238.

⁴⁷ *Ibidem*, pp. 198-199.

páginas de *A Vanguarda* (1905), ou ainda sua novela anticlerical *Abutres* (1907), que foi bem acolhida nos círculos literários do Paraná.

Acerca da presença indômita de Roberto Faria em Curitiba, a imprensa local, em 1904, registrou: “foi posto hoje em liberdade o aluno do Ginásio, Roberto Faria, que fora preso ontem por intentar perturbar a ordem na estação da estrada de ferro, na ocasião da chegada dos alunos militares”⁴⁸. O estopim da animosidade de Roberto Faria – assim como de outros jovens vinculados ao Ginásio – contra o trem da Marinha que transportava os alunos militares, tinha como epicentro o processo repressivo desferido, dias antes, pelas forças armadas (e que contou com o efetivo do Paraná) contra a revolta popular no Rio de Janeiro, que ficaria conhecida como Revolta da Vacina.

Imagem 2: Roberto Faria⁴⁹



⁴⁸ **A República**, Curitiba, 21 de novembro de 1904.

⁴⁹ Imagem encontrada no jazigo de Roberto Faria, localizado no cemitério municipal de Rio Negro. Acervo do autor.

Em 1905, Roberto Faria juntamente com outros entusiastas deu forma, em Curitiba, ao Centro da Mocidade Livre Pensadora⁵⁰, associação que tinha como órgão porta-voz o periódico *A Vanguarda* (1905-1906)⁵¹, e cuja epígrafe diz: “O clero, eis aí o inimigo!”⁵². Em um dos seus artigos publicados nesse jornal, Faria afirmava: “Somos anticlericais. Combatemos em todos os seus pontos as dogmáticas afirmativas da religião católica”⁵³.

No ofício de seu jornalismo militante, escreveu para outros periódicos locais, entre os quais, o *Diário da Tarde*⁵⁴, o *O Combate* (1907) – jornal de propaganda anticlerical. Nesse meio tempo, em 1906, por intermédio do jornal *A Notícia*, passou a publicar uma coluna intitulada “Pela Catedral”, tecendo fortes críticas ao jesuitismo. Tendo admiração por pensadores como Max Nordau – autor de *As Mentiras Convencionais da Nossa Civilização* (1883) (que nos círculos anticlericais ganhou notoriedade o capítulo: “A mentira religiosa”) – Roberto Faria afiava sua pena com afincos contra o clero, ora na forma de versos, ora em prosa, e nessa lida literária, arrebatava: “o século XX, não poupais vossa luz; luz, luz para aqueles que se debatem sob as garras vis e infames do clero!”⁵⁵.

⁵⁰ A diretoria do centro era constituída por Cícero Carneiro (presidente), Augusto Rocha (vice-presidente), Roberto Faria (1º secretário), Gastão Marques (2º secretário), Seraphim França (1º orador), Gilberto Beltrão (2º orador), Raul Gelbeke (1º tesoureiro), Vicente Rebello (2º tesoureiro).

⁵¹ Esse periódico teve 14 números publicados.

⁵² **A Vanguarda**, Curitiba, 22 de janeiro de 1905.

⁵³ **A Vanguarda**, Curitiba, 18 de maio de 1905.

⁵⁴ Entre os anos de 1902 e 1912, a direção deste jornal esteve a cargo do jornalista e livre-pensador Euclides Bandeira.

⁵⁵ **A Vanguarda**, Curitiba, 19 de fevereiro de 1905.

Imagem 3: Produção lírica da autoria de Roberto Faria⁵⁶

Extrema unção

O' sacerdote do amor ! ó padre santo, padre bom ! eis-me a teos pés, de joelhos, quero comungar. Tenho fome,—dá-me a hostia sacrosanta, dá-me a carne; tenho sêde,—dá-me o vinho, sangue quente de Venus.

Não sejas avaro, ó santo padre, sacia-me com a tua hostia tão boa, entorna mais, mais em os meos labios esse vinho, vinho ameno que acalora meo peito numa febre suave, branda.....

Ah! que delicia ! carne excelsa ! sangue excelso ! Dá-me mais carne, dá-me mais sangue, ó sacerdote sublime, quero commungar inda uma vez!

Ah! que delicia ! carne excelsa ! sangue excelso....Mas, ai ! sinto extranha sensação... Dizem que a hostia envenena, que o vinho queima o cerebro : me envenenaste, padre maldicto, me incendiaste o cerebro!....Completa, pois, a tua obra, padre assassino, não posso mais commungar, dá-me os santos oleos ao menos, dá-me a extrema unção do amor.

ROBERTO FARIA

Em maio de 1907, a revista literária *O Olho da Rua*, divulgava:

Está no prelo e brevemente será posto à venda a magnífica novela anticlerical “Abutres!” do nosso jovem e distinto patricio Roberto Faria, um dos mais fortes talentos da nova geração literária paranaense.

Como anseia esse livro é esperado no circulo intelectual da nossa terra e será por certo mais um grito de alarme contra o jesuitismo corruptor⁵⁷.

⁵⁶ Publicado na revista literária *O Olho da Rua*, Curitiba, 22 de junho de 1907, nº 06.

⁵⁷ *O Olho da Rua*, Curitiba, 11 de maio de 1907, p. 52.

Mais tarde, no mesmo ano, o jornal *A Notícia*, na sua primeira página, anunciava: “surgiu à luz da publicidade o ansiosamente esperado livro – Abutres – de Roberto Faria”⁵⁸. Publicado pela tipografia do jornal *Der Beobachter*⁵⁹, localizada em Curitiba, o romance *Abutres* foi visto como um tipo veemente de “protesto contra a serpente negra”, isto é, o jesuitismo, o clericalismo.

Nessa senda, o jornal *Commercio de Joinville*, publicou:

(...) foi-nos remetido, com dedicatória do seu autor, Sr. Roberto Faria, um interessante romancete intitulado *Abutres*.

Neste livro de 65 páginas, na primeira das quais se vê o retrato do poeta, desenvolveu o Sr. Roberto Faria, num enredo bem concatenado e emocionante, as manhas, as perversidades, os embustes e o perigoso fanatismo do jesuitismo ardiloso e sensual.

Abutres é um livro que merece ser lido, se não tanto pela sua forma, mas pelo seu texto revelador de verdades espantosas e revoltantes.

Felicitemos o seu autor, a quem agradecemos o exemplar que nos ofereceu⁶⁰.

A essa altura, o leitor ou a leitora deve estar se perguntando, qual a trama ímpia dessa obra? Com que intensidade o anticlericalismo ganhava forma em sua prosa?

Em linhas gerais, a história gira em torno das falcatruas de Jordão, um padre glutão e membro da Companhia de Jesus – esse velho espectro “sempre terrível, sempre sequiosa de sangue”⁶¹.

Ao longo dessa trama que critica a exploração da Igreja, bem como o fanatismo religioso, outros personagens emergem, a exemplo do matuto e esperto Anacleto, o qual ao desconfiar da lascívia de Jordão para com

⁵⁸ **A Notícia**, Curitiba, 25 de setembro de 1907.

⁵⁹ Anos antes, essa mesma tipografia foi responsável pela impressão do jornal *Electra*.

⁶⁰ **Commercio de Joinville**, Joinville, 15 de fevereiro de 1908. Diga-se de passagem, esse jornal, em mais de uma ocasião, veiculou em suas páginas conteúdos de teor anticlerical.

⁶¹ FÁRIA, Roberto. **Abutres**. 2 ed., Curitiba: Impressora Paranaense, 1910, p. 9.

a ingênua e órfã Maria (filha do rico fazendeiro Pereira, recém-falecido) infiltra-se no convento de Santo André como noviço, a fim de salvar a sua musa das garras do “santo padre”. Ainda, entre os protagonistas, têm-se: o jornalista e anticlerical Arthur Silva, redator do jornal *A Lógica*, e que é vítima de um plano clerical para silenciá-lo, levado a cabo pelo padre Jordão e frei Ciríaco (seu comparsa); além do rico Valter e sua filha Josefa, sob a qual, o reverendo Jordão exerce sua influência religiosa e libidinal, que resultará na ruína de ambos.

E sobre o vetusto jesuíta, Roberto Faria escreve:

Jordão era um padre corpulento, alto, abdômen crescido, e, graças à vida indolente que levava, chegara a criar papada. Sua fisionomia não seria detestável, si sobre o lábio grosso e levemente voltado para cima, houvesse um bigode, que, da cor de seus cabelos de azeviche, ocultasse a caverna horripilante de sua boca, em cujas gengivas, cá e lá, amarelecidos pelo mau trato, desapareciam na carne esponjosa fragmentos de dentes⁶².

Tal imagem pouco virtuosa pintada de forma caricaturista sobre o padre Jordão fazia parte do universo simbólico anticlerical. Assim sendo, “a caricatura exagera o traço, deforma o real, para criticar e critica, satiriza, para corrigir, para reformar, em geral, os costumes morais e políticos”⁶³. Logo, tornava-se recorrente “representar personagens facilmente identificáveis através de um código de apresentação bem previsto”, valendo-se da caricatura, da hipérbole e da deformação, retratando-os “geralmente sobre um traço característico essencial que faz incisivo, dominante e mordente: um nariz proeminente, uma enorme barriga, dedos curvos, uma boca arqueada em um gesto cruel”⁶⁴. Conseqüentemente, “para fazer rir, recorre-se aos estereótipos simplistas, bem como para as imagens

⁶² FARIA, Roberto. *Op. cit.*, p. 10.

⁶³ TEIXEIRA, Nuno Severiano. Introdução, in D’OLIVEIRA, Álvaro. **Caricaturas políticas**. Lisboa: Sementeira, 1984, p. 11.

⁶⁴ Até aqui, tudo em LITVAK, Lily. **Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)**. Barcelona: Antoni Bosch, 1981, p. 48, (tradução nossa).

mais tradicionais da religião. Contra o catolicismo todos os insultos são permitidos”⁶⁵. Ademais, especialmente embebida pela estética de matriz naturalista, não raro, os clérigos são representados como comilões e fornicadores, aliás, ambas as qualidades se aplicam ao reverendo Jordão.

Desta forma, mediante certo sistema específico de valores “a retórica tem um caráter social, emotivo, partidário; em suma, um caráter *avaliador*”⁶⁶. Ao mesmo tempo, padres libidinosos e devassos ganhavam notoriedade na literatura anticlerical, que de maneira panfletária explorava com sarcasmo a incontinência sexual do clero. Assim sendo, nas páginas da novela *Abutres*,

Jordão fazia projetos degradantes. Maria seria sua, somente sua, havia de tê-la sempre juntinho de si, confessá-la-ia todos os santos dias, plantaria naquele coração castíssimo o fogo da luxúria, aproveitar-se-ia de sua ingenuidade para ensinar-lhe o prazer lascivo dos sátiros, prazer que, mais do que qualquer outro, um padre devasso sabe amar⁶⁷.

Ao ter-se em vista que “os textos literários são produtos *históricos* organizados segundo critérios *retóricos*”⁶⁸, é oportuno pensar acerca das relações que esses escritos mantiveram com o mundo social, em que “deveriam suscitar nos leitores certos sentimentos e estimular comportamentos ajustados” à propaganda de combate ao clero, algo marcadamente perceptível na obra *Abutres*. Por conseguinte, ao discorrer a respeito da prática da confissão, Roberto Faria ao valer-se de um personagem apenas nominado de “o antagonista”, declarava:

⁶⁵ RÉMOND, René. **Le christianisme en accusation**. Paris: Desclée de Brouwer, 2000, p. 25, (tradução nossa).

⁶⁶ MORETTI, Franco. **Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 16.

⁶⁷ FARIA, Roberto. *Op. cit.*, p. 23.

⁶⁸ MORETTI, Franco *Op. cit.*, p. 22.

Sim, por ser a confissão uma imoralidade; por ser no confessionalário que o padre diz palavras que corrompem a alma pura duma donzela; por ser no confessionalário que o padre macula com seus lábios pestilentos o escrínio casto da boca duma noiva; por ser, finalmente, no confessionalário que o padre, que se não casa para melhor dar expansão aos seus instintos corruptores, seduz mulheres casadas, em nome desse Deus que cultuamos e impele-as ao princípio do adultério: eis porque repúdio a confissão. E se desse dogma depender o ser católico, repito, não o sou⁶⁹.

O confessionalário dado por um instrumento de corrupção e depravação a serviço dos padres ou, em outras palavras “um dos principais meios utilizados para seduzir a mulher e levá-la à devassidão”⁷⁰, usualmente ganhou lugar de destaque na literatura anticlerical. Inclusive, em termos práticos, na década de 1910, tem-se a criação da Liga Contra o Confessionalário, na cidade de Belém do Pará.

Por sua vez, o título da obra [*Abutres*] torna-se uma referência direta à conduta do clérigo Jordão, que, à espreita de “boas ovelhas”, agia como um abutre da tragédia humana, explorando seus fiéis no leito de morte para obter fortuna para o seu convento. Nesse sentido, o primeiro aspecto a observar é que, na propaganda anticlerical, “os jesuítas parecem ser os religiosos mais assiduamente identificados como praga de aves agourentas e de rapina”⁷¹.

Assim,

Quando tinha notícia de que uma “boa ovelha” (rica) ia falecer, pressuroso, sem esperar que o chamassem, lá se apresentava, a fim de consolá-la na hora extrema. Era um dos melhores ministros do monarca celeste, dava tão bons e infalíveis conselhos ao moribundo que o pobre diabo se rendia e sem forças para agir, sem luz para ver, mandava despejar o seu ouro no cofre insaciável do convento⁷².

⁶⁹ FARIA, Roberto. *Op. cit.*, pp. 72-73.

⁷⁰ ABREU, Luís Machado. *Ensaaios anticlericais*. Lisboa: Roma, 2004, p. 57.

⁷¹ *Ibidem*, p. 138.

⁷² FARIA, Roberto. *Op. cit.*, p. 11.

É certo que a captação de heranças era lugar-comum na literatura anticlerical, especialmente quando os clérigos envolvidos eram jesuítas.

Ao fim e ao cabo, Jordão é preso, seguido do frei Ciríaco, que “foi rezar o seu milagroso rosário através das grades do cárcere”. Enquanto “os demais religiosos, sem distinção de sexos (...), foram corridos a pedradas pela fúria popular e expulsos para fora do país”. Tal passagem revela bastante sobre o contexto político em que essa novela foi escrita, uma vez que, nos primeiros anos do século XX, abundava, nas campanhas anticlericais, reivindicações contra a entrada de clérigos no Brasil, cujas irmandades haviam sido expulsas da Europa, inclusive, em mais de uma ocasião, sugeriu-se a expulsão das diversas ordens eclesíásticas atuantes no território nacional. Portanto, nas páginas finais da novela *Abutres*, lê-se: “o convento ficou deserto, deserto dizemos mal, que ficou inteiramente entregue aos outros vampiros, aos vampiros alados que em completa liberdade, apenas anoitecia, voejavam álacres por todos os aposentos”⁷³.

Não obstante, na propaganda anticlerical, a exemplo do romance *Abutres*, os conventos ganhariam a aura de lugares de corrupção, devassidão e assassinato. Dessa maneira, nas representações literárias certos lugares são transformados em um espaço quase natural para o crime, já que no imaginário social, como observou Dominique Kalifa, “os lugares desempenham um papel essencial na construção das realidades criminais”, bem como “na expressão de insegurança”⁷⁴.

Longe de querer avaliar o mérito de tal literatura, a novela produzida por Roberto Faria, que estava marcada pela batalha do bem (livre-pensamento) contra o mal (clericalismo), encerrava sua narrativa em tom profético: “esse grande acontecimento fora uma das maiores vitórias do livre-pensamento local, fora a queda dessa Bastilha da consciência, um belo prelúdio de próximo triunfo completo da VERDADE contra o OBSCURANTISMO”. A propósito, “esse grande feito contra o decrépito

⁷³ Até aqui, tudo em FARIA, Roberto. *Op. cit.*, pp. 80-81.

⁷⁴ KALIFA, Dominique. *Crímen y cultura de masas en Francia, siglos XIX-XX*. México: Instituto Mora, 2008, p. 15, (tradução nossa).

e pernicioso catolicismo” passava-se em 24 de agosto, ou seja, no dia de São Bartolomeu – que, na narrativa, emerge enquanto lembrança ao poderio católico na França que, em 1572, ocasionou no massacre dos protestantes franceses⁷⁵.

Visto que Roberto Faria era um militante anticlerical engajado nas lutas travadas no começo do século XX no Paraná, na sua obra abundam nexos com o cenário social daquele momento, ora pela defesa da ciência enquanto ferramenta de oposição aos dogmas, ora ao denunciar os interesses clericais que impregnavam a esfera educacional. A propósito, o campo da educação foi uma arena de intensas disputas entre clérigos e livres-pensadores. Desse modo, a certa altura de *Abutres*, o padre Jordão expõe: “odiamos os cultores das ciências, odiamos os escrutadores, os que analisam os fatos e investigam as causas; odiamos os que comprometem os dogmas com uma nova descoberta, que esses são os coveiros satânicos que preparam a sepultura ao catolicismo”. No entanto, sem se dar por vencido, o jesuíta completava: “Mas, não conseguirão sepultá-lo jamais, que há uma chave de ouro que abrirá a porta luminosa do seu futuro – a Escola. Sim, a Escola, esse fator poderoso de nossa vitória, será a suprema esperança do catolicismo”⁷⁶.

Por isso, ao pensar-se na dimensão histórica do texto literário, é certo que a relação entre linguagem e sociedade, ocorre via “formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso”⁷⁷, ou seja, via a representação que se faz dos padres, da Igreja etc. Em suma, propugnada pela “exploração panfletária promotora de descrédito do clero, associando os ministros da Igreja a práticas mais ou menos obscenas no terreno das relações humanas”⁷⁸.

Seja como for, na senda da publicação de *Abutres*, em 1907, Faria retorna para a cidade de Rio Negro, motivado pelo seu grave estado de

⁷⁵ Ambas as passagens, FARIA, Roberto. *Op. cit.*, p. 81.

⁷⁶ Ambas as passagens, FARIA, Roberto. *Op. cit.*, p. 40.

⁷⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, n.º. 61, ano 14. Brasília: INEP, jan./mar. 1994, p. 56.

⁷⁸ ABREU, Luís Machado. *Op. cit.*, p. 29.

saúde. Ainda no mesmo ano, juntamente com o seu irmão José Maximiano de Faria Júnior⁷⁹, funda o jornal *O Rio Negro*.

Logo depois, em maio de 1908, viu-se noticiado pela imprensa paranaense:

Sucumbiu ontem, no Rio Negro, à pertinaz moléstia que há meses devastava-lhe o organismo, o sr. Roberto Faria, esperançoso jovem que naquela cidade redigia um órgão de publicidade. O finado moço fruía muita estima nas rodas literárias desta capital, tendo ainda há pouco tempo feito imprimir um romance de sua lavra⁸⁰.

Acometido de tuberculose Roberto Faria morreu na manhã do dia 17 de maio daquele ano⁸¹. Parece sensato pressupor que a sua morte foi considerada uma grande perda para a literatura paranaense, assim como “para os soldados da liberdade de consciência”. Frente a esse lastimável fato, inicia-se em Curitiba, uma campanha levada a cabo por amigos do estimado intelectual, visando levantar fundos para a reedição da obra *Abutres*, bem como realizar a construção de um mausoléu em sua memória. Além disso, a Loja Maçônica Luz Invisível, celebraria uma homenagem fúnebre ao seu ex-membro:

Amanhã 30º dia do falecimento de Roberto Faria a loja Maçônica Luz Invisível às 7 horas da noite realizará em seu templo uma conferência sobre o inditoso paranaense. Nessa ocasião será distribuído um folheto contendo a biografia e várias publicações do talentoso patricio. Será conferencista o ilustre tribuno Dário Vellozo⁸².

⁷⁹ O mesmo também era maçom, ligado a Loja Fé e Trabalho, localizada em Rio Negro.

⁸⁰ **A República**, Curitiba, 18 de maio de 1908.

⁸¹ Poucos meses antes, em 21 de janeiro de 1908 a irmã de Roberto, a sr^a Vitalina da Costa Faria falecera, ao que tudo indica também de tuberculose.

⁸² **A República**, Curitiba, 16 de junho de 1908.

Por intermédio, sobretudo da Loja Maçônica Luz Invisível⁸³, o projeto de reedição da obra *Abutres* era entregue para impressão, ao final de 1909, ficando responsável pela empreitada a tipografia Impressora Paranaense. No início de 1910, o livro já encontrava-se sendo comercializado. Nesse meio tempo, a revista *Ramo de Acácia*, publicava: “os Abutres acabam de aparecer em 2ª edição. Recomendamos o livro aos livres-pensadores”⁸⁴. Essa nova edição – acrescida de uma biografia escrita por Dário Vellozo –, era lançada no fervor de diversas manifestações internacionais de estímulo anticlerical, em decorrência da prisão e execução do pensador libertário Francisco Ferrer y Guardia, criador da Escola Moderna⁸⁵.

Sabe-se que o fuzilamento do professor Ferrer “repercutiu dolorosamente” em Curitiba, inclusive, resultando em movimentos de protesto⁸⁶. A propósito, Dário Vellozo que investiu sua pena na escrita de “Ferrer e a Escola Moderna”⁸⁷, afirmava: “o magno delito de Francisco Ferrer, perante o altar, perante o trono, foi a sugestiva ousadia da *Escola Moderna*”. Texto cuja publicação ocorreu em 16 abril de 1910, via o jornal *A Lanterna* (São Paulo) – diga-se de passagem, um destacado órgão de projeção nacional sobre as campanhas anticlericais.

Em 1914, frente à ampla difusão em diversos círculos anticlericais espalhados pelo país, a obra *Abutres* ganhava uma versão em folhetim, enquanto iniciativa do periódico *A Reação* – órgão da Liga Mato-Grossense de Livres Pensadores, de Cuiabá⁸⁸.

⁸³ Na abertura do livro tem-se: “A Benemérita Loja LUZ INVISÍVEL, a cujo quadro pertenceu Roberto Faria, mais alguns amigos do jovem romancista resolveram reeditar os ABUTRES, veemente protesto contra a Serpente negra... O momento é oportuno. Que o diga a Espanha!”.

⁸⁴ **Ramo de Acácia**, Curitiba, 1910, nº 15 e 16. Essa segunda edição (acrescida de biografia do autor) tinha 81 páginas; enquanto que a primeira edição foi composta de 65 páginas.

⁸⁵ Vítima de uma trama urdida pela Igreja e pelo Estado, Ferrer foi fuzilado na fortaleza de Montjuich, em Barcelona, na Espanha, no dia 13 de outubro de 1909.

⁸⁶ Cf. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 de outubro de 1909, p. 3.

⁸⁷ Para detalhamentos sobre o referido artigo, cf. **A Lanterna**, São Paulo, 16 de abril de 1910.

⁸⁸ É importante destacar que, anos antes, em abril de 1908, o romance *Abutres* ganhava sua primeira publicação enquanto folhetim nas páginas do jornal *O Livre Pensador* (São Paulo).

Enfim, por mais que esteja “para sempre no abismo de um túmulo”, Roberto Faria, outrora “uma das mais belas esperanças da nova geração literária paranaense”⁸⁹, ainda ostenta no frio mármore de sua lápide sua prosa duradoura, assim, “Só quem conhece a selva ao cair da tarde, avalia a sua tristura. O sol, o velhinho caduco da pitoresca lenda eslava, fatigado da longa viagem, recolhia-se ao seu trono, para no dia seguinte sair novamente, rejuvenescido, e loiro e belo, e jovial...”. Definitivamente, essas mesmas palavras que abrem sua obra máxima, concomitantemente também lhe encerram os dias... Aliás, no seu jazigo de feições simples, localizado no cemitério municipal da cidade de Rio Negro (Paraná), não há nenhum adereço religioso; apenas o seu retrato, um fragmento literário da obra *Abutres* e dois símbolos maçônicos: o ramo de acácia e o nível.

À guisa de conclusão

Desde meados do século XIX, numerosas congregações religiosas estrangeiras (provenientes, sobretudo da França e da Itália) instalaram-se no Brasil, ora como exiladas, devido à agitação liberal na Europa, ora como parte da política ultramontana católica – centralista, verticalizada, conservadora e antimoderna –, aliada à promoção de uma educação de caráter confessional, que despertou a reação de liberais, positivistas, republicanos, socialistas, anarquistas e maçons.

Por sua vez, no Brasil, a implantação da República ao final do século XIX, que incluía entre as suas metas políticas a separação entre Estado e Igreja, resultaria em importantes discussões acerca das ingerências do clero católico no tecido social (leia-se clericalismo). Apesar do evidente desvínculo eclesiástico para com as questões políticas, observado na Constituição de 1891, o cenário público, não raro, foi marcado por relutâncias de setores da Igreja que insistiam em tentar intervir nos assuntos seculares. Logo, diversas manifestações de cunho anticlerical ganhariam forma em distintas localidades do país.

⁸⁹ Ambas as passagens, **A Notícia**, Curitiba, 18 de maio de 1908.

Neste conturbado período, os livres-pensadores e os anticlericais vão dando forma a grupos de pressão, a exemplos das ligas anticlericais, seguido da publicação de jornais, ou ainda promovendo a publicação de folhetos, a realização de conferências e *meetings*. Deste modo, no Paraná, durante as primeiras décadas do século XX, a cidade de Curitiba aparece como um fervilhante centro literário-maçônico, haja vista que um grupo de jovens escritores passam a ordenar suas narrativas e seus argumentos contra a intolerância religiosa. Entre tais contribuições alusivas, estava a novela *Abutres*, da autoria de Roberto Faria.

Por fim, se, por um lado, é inegável que tais produções e suas representações literárias estavam perpassadas por lógicas sociais, por outro lado, até o presente momento, apesar da abundante literatura militante, muito pouco se escreveu sobre a vida cultural e literária fomentada em nome do anticlericalismo. Dito isso, que esse cenário e seus retratos sejam desafiados por outros olhares.

Fontes

Commercio de Joinville, Joinville, 1908.

DESCHAND, Desiderio. *Voltaire e os anticlericais do Paraná*. Petrópolis: Vozes, 1914.

Diário da Tarde, Curitiba, 1902, 1904.

FARIA, Roberto. *Abutres*. 2 ed., Curitiba: Imprensa Paranaense, 1910.

Jerusalém, Curitiba, 1901.

A Lanterna, São Paulo, 1910.

O Livre Pensador, São Paulo, 1908.

A Notícia, Curitiba, 1907, 1908.

O Olho da Rua, Curitiba, n° 03, 1907.

Ramo de Acácia – Órgão da Maçonaria no Paraná, Curitiba, nº 15 e 16, 1910.

A Reação – Órgão da Liga Mato-Grossense de Livres Pensadores, Cuiabá, 1914.

A República, Curitiba, 1901, 1904, 1908.

A Vanguarda, Curitiba, 1905.

Referências

ABREU, Luís Machado. *Ensaaios anticlericais*. Lisboa: Roma, 2004.

AZZI, Riolando. *O Estado leigo e o projeto ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994.

BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. *Idéias em confronto*. Curitiba: GRAFIPAR, 1981.

BAYET, Albert. *História do livre-pensamento*. Lisboa: Arcádia, 1971.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha*. Curitiba: UFPR, 2013.

D'ALMEIDA, Raul. *História de Rio Negro – Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1976.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)*. Petrópolis: Vozes, 1978.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2 ed., Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios – 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KALIFA, Dominique. *Crimen y cultura de masas en Francia, siglos XIX-XX*. México: Instituto Mora, 2008.

LALOUETTE, Jacqueline. *La République Anticléricale, XIX – XX siècles*. Paris: Éditions Du Seuil, 2002.

LITVAK, Lily. *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, 1981.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galbos das acácias: anticlericalismo e clericalização em Curitiba (1896-1912)*. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1996.

MARIA, Júlio. *A Igreja e a República*. Brasília: UNB, 1981.

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORETTI, Franco. *Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

OLIVEIRA, José Eduardo Montechi Valladares de. *O anticlericalismo na República Velha: a ação dos anarquistas*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, n.º. 61, ano 14. Brasília: INEP, jan./mar. 1994.

RÉMOND, René. *Le christianisme en accusation*. Paris: Desclée de Brouwer, 2000.

RUDY, Cleber. *O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Alameda, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Laicidade e anticlericalismo: argumentos e percursos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. Introdução, in D'OLIVEIRA, Álvaro. *Caricaturas políticas*. Lisboa: Sementeira, 1984.

VICENTE, Natália Simões de. *O satanismo na obra de Júlio Pernetá*. Mestrado em Teoria e História Literária. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

Enviado em: 01/10/2014

Atualizado em: 07/11/2023

Aceito em: 22/12/2023